

Tales Faria

Líderes garantem maioria para anistia e foro

A tomada das Mesas Diretoras da Câmara e do Senado garantiu aos bolsonaristas uma vitória: o compromisso de líderes do centrão de que pautarão a votação dos projetos de anistia para os golpistas de 8 de janeiro de 2023 e a alteração no foro privilegiado.

Esse foi o acordo entre o centrão e o PL, capitaneado pelo ex-presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para que os amotinados bolsonaristas desocupassem, na quarta-feira, 6, as Mesas Diretoras das duas Casas.

Lira foi chamado a promover o acordo depois que o líder do PL, Sóstenes Cavalcante (RJ), e o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), bateram de frente e chegaram a um impasse.

Motta disse a Sóstenes que os amotinados estavam tentando chantageá-lo e que isso inviabilizava qualquer negociação. “Só vou discutir a pauta depois que vocês liberarem o plenário. Caso contrário, estarei aceitando chantagem”, disse o presidente da Câmara.

Sóstenes, então, correu ao gabinete de Lira e pediu que ele promovesse uma reunião com líderes do centrão.

O primeiro acordo foi fechado com

União Brasil, PP e o Novo, representando bancadas que, somadas ao PL, dariam 247 deputados.

Pelo acordo, se os bolsonaristas liberassem a Mesa Diretora, esses partidos garantiam apoio à colocação em pauta dos projetos de anistia e de acabar com o chamado “foro privilegiado”, que é o julgamento de parlamentares direto no Supremo Tribunal Federal (STF), sem passar pelas instâncias inferiores da Justiça.

Depois, foi acrescentado o apoio de outros partidos do centrão, o que garantia bancadas representando bem mais do que a maioria absoluta, 357 deputados, para colocação de projetos em pauta.

Presente às negociações, o 2º vice-presidente da Câmara, Elmar Nascimento (União-BA), disse à coluna que o acordo prevê apenas a colocação em pauta, mas sem definição dos termos do projeto.

“Eu mesmo não aceitarei anistia para gerais que confessaram plano de assassinato de autoridades. E nem para o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Se ele quiser ser perdoado, que vença as eleições de 2026, elegendo um presidente da República com compromisso de perdôá-lo.”

Sóstenes Cavalcante confirmou à coluna que “não há compromisso quanto aos termos dos projetos que serão votados. Nem o da anistia, nem o do foro privilegiado”. Segundo ele, “o compromisso é ser votado. Quanto ao texto, vamos discutir”.

Elmar Nascimento conta que há várias propostas para o fim do foro privilegiado em tramitação na Câmara. Ele é quem está encarregado no centrão de elaborar um texto de consenso. Antecipa, em linhas gerais, como pensa o assunto:

“Acho que políticos não devem ser julgados por juízes de 1ª Instância. Devem começar pelos Tribunais Regionais Federais (TRFs), com possibilidade de recurso ao Superior Tribunal de Justiça (STJ)”. Sóstenes, crê que o STF definirá se a mudança valerá para o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Ambos afirmam que Arthur Lira não atropelou, nem desautorizou Hugo Motta. Mas o fato é que o atual presidente da Câmara saiu enfraquecido. Foi atropelado pelos bolsonaristas. Não teve pulso, nem habilidade política para desmontar o motim e acabou ofuscado por Arthur Lira.

Fernando Molica

Teresoca, Fleury e Bolsonaro

O esforço para a aprovação de leis que impeçam a ida de Jair Bolsonaro para a cadeia remete a dois episódios vergonhosos de nossa história, a imposição de normas jurídicas feitas para livrar a cara de poderosos.

As chamadas leis Teresoca (1943) e Fleury (1973) foram criadas para, respectivamente, evitar a prisão de um torturador e para garantir que um magnata da imprensa ficasse com a guarda de uma filha gerada fora do casamento.

Aos 41 anos, separado, o magnata Assis Chateaubriand, fundador dos Diários Associados, começou a se relacionar com a atriz argentina Cora Acuña, de 15 anos. Em 1934, o casal teve uma filha, Teresa.

Pela legislação da época, filhos nascidos fora do casamento não poderiam ser registrados, mesmo em caso de desquite (não havia divórcio). Chatô então pressionou o ditador Getúlio Vargas e conseguiu, em 1942, um decreto-lei que permitia tal reconhecimento.

Naquele mesmo ano, a relação entre Chatô e Cora degingrolou; e o jornalista não queria ficar sem Teresoca, como a chamava. O problema é que, pela legislação, a guarda dos filhos caberia a que primeiro o reconhecera, no caso, a mãe da menina.

Inconformado, Chatô voltou ao presidente e conseguiu que este baixasse o Decreto-Lei nº 5.213. A medida dava ao pai a prioridade para ficar com os filhos e passou a ser

conhecida como Lei Teresoca.

Em 1973, o delegado da Polícia Civil paulista Sérgio Paranhos Fleury, um dos mais cruéis torturadores que prestavam serviços à ditadura militar, esteve ameaçado de ser preso.

Investigação do Ministério Público comandada pelo promotor Hélio Bicudo revelou que o policial era também dos chefes do Esquadrão da Morte, responsável por, pelo menos, 22 execuções de supostos bandidos, inclusive de alguns que estavam presos e haviam sido retirados de presídio para que fossem assassinados.

Sua prisão acabaria sendo decretada por envolvimento com o tráfico de drogas. Ele foi acusado de ter matado um rival de um traficante com quem tinha negócios. Foi então que o ditador Emílio Garrastazu Médici entrou em campo para ajudar seu cúmplice e sancionou mudança no Código de Processo Penal que permitia ao réu de crimes contra a vida responder em liberdade se fosse primário e de bons antecedentes: era o caso de Fleury.

A extrema direita que tanto reclama (pelo menos, reclamava) do reconhecimento de direitos humanos para bandidos, deveria botar essa generosidade na conta do general Médici, que comandou o país na fase mais cruel da ditadura.

Todas as pautas priorizadas pelos bolsonaristas que ocuparam as mesas da Câmara e do

Senado estão vinculadas ao caso do ex-presidente da República: anistia, fim da prerrogativa de foro (o foro privilegiado para autoridades) e o impeachment do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal.

Esses políticos vão negar esta relação direta entre propostas e Bolsonaro, mas isso é evidente. O motim no Congresso só ocorreu depois da decretação da prisão do ex-presidente.

Parlamentares importantes do PL repetem considerar insuficiente uma anistia apenas para tirar da cadeia os condenados pelos atos ocorridos no 8 de Janeiro. Filho do ex-presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) fala em anistia “ampla, geral e irrestrita”, mote da oposição no fim dos anos 1970.

O fim da prerrogativa de foro mira a possibilidade de levar para a primeira instância processos que correm em tribunais superiores, mesmo aqueles já instaurados. Não faz tanto tempo, jogar os casos para cima era visto como garantia de impunidade; hoje, é o contrário. A proposta de impeachment de Moraes é autoexplicativa.

Talvez fosse mais simples criar uma emenda constitucional específica, algo bem explícito que garantisse ao cidadão Jair Messias Bolsonaro o direito de jamais se preso, independentemente de seus eventuais crimes. Seriam revogadas todas as disposições em contrário.

Aristóteles Drummond

Gargalos do Rio de Janeiro

Impressiona como a cidade tem gargalos no seu trânsito que poderiam ser resolvidos com mera gestão. Um dos casos mais gritantes se refere à sincronização de sinais, que se limita hoje à Rua Barata Ribeiro, pois na Avenida Rio Branco, com o VLT, ficou difícil a programação.

Curioso é que a sincronização da Barata Ribeiro foi feita no governo Negrão de Lima, na gestão de Celso Franco no Detran, quando se começava a usar computadores. Nas demais artérias da cidade, nada foi feito desde então.

Mas temos cruzamentos complicados que pedem um mínimo de atenção. É o caso da Avenida Antônio Carlos, na região do Tribunal de Justiça, que não consegue fazer escoar o

movimento proveniente da Almirante Barroso e por vezes bloqueando o cruzamento.

Há, ainda, artérias engarrafadas em todo o Rio, como a Lagoa Rodrigo de Freitas, nos acessos ao Túnel Rebouças e na saída para a Afrânio de Melo Franco. A prefeitura poderia pensar em usar passagens subterrâneas, como as que existem em Belo Horizonte e outras cidades. Em Minas, chamam de “barreiras” e resolvem bem e a um custo muito inferior ao de viadutos. Seria o caso do cruzamento da Wenceslau Braz com a Pasteur, outro ponto congestionado na Zona Sul.

Até na Linha Vermelha, direção Baixada, caberia criar um acesso à Ilha do Governador e ao Aeroporto, na altura do acesso ao Fundão. A entrada da cidade pela Av. Brasil ou Linha

Vermelha – João Goulart – parece ser o desafio maior a ser estudado.

Tão logo a atividade econômica volte a crescer, a cidade precisa estar preparada para suportar o aumento do movimento. Desde o último mandato de Eduardo Paes não foram feitas grandes intervenções na cidade.

São Gonçalo pede urgência para o metrô ou mesmo para o uso de barcas com acesso pela região de Paquetá, que fica a menos de meio quilômetro de um possível porto na grande cidade-dormitório do Grande Rio. A baía também poderia ser contemplada com transporte marítimo, como no Império em que o Imperador apanhava o trem em Mauá, indo até lá de barco.

É preciso abrir o debate sobre a questão.

EDITORIAL

Pioneirismo e modernidade

É com entusiasmo que o Correio da Manhã apresenta hoje a nova identidade visual do nosso 2º Caderno, agora rebatizado como #CM2. Esta transformação coroa um profundo processo de reposicionamento editorial iniciado há cerca de um ano e meio.

Desde sempre, o Correio carrega em sua história a vanguarda do jornalismo brasileiro. Foi em nossas páginas que nasceu, no fim dos anos 1940, a ideia pioneira de um suplemento dedicado à cultura.

Carregamos com orgulho e responsabilidade esse legado, que pavimentou o caminho para o jornalismo cultural no formato que hoje conhecemos. E é com essa mesma paixão pela inovação que, agora, damos esse novo passo.

A nova logomarca do suplemento está em sintonia com os tempos da revolução

digital. Inspirada no conceito de hashtag, presente na comunicação moderna, ela associa o caderno à categorização e relevância de conteúdos, sinalizando a modernidade e agilidade.

A abreviação do nome do caderno segue a estratégia de naming. A nova logomarca facilita a identificação imediata do nosso produto cultural, sempre alinhado a um olhar atento, com informação e análise, sobre o panorama das artes plásticas, da música, do teatro, do cinema, da literatura, da fotografia e de todas as manifestações culturais que pulsam em nossa cidade e no mundo.

Convidamos você, nosso leitor, a explorar esta nova fase do 2º Caderno. E que tanto a nova identidade visual quanto a nossa proposta editorial possam proporcionar uma experiência de leitura ainda mais rica e envolvente.

‘A Hora do Mal’: homenagem ou cópia?

A linha entre a homenagem e a cópia é muito tênue, principalmente quando a proposta de uma obra é homenagear um autor consagrado. E isso acontece bastante em “A Hora do Mal”, grande aposta da Warner para o terror nessa janela de meio de ano.

Lançado na quinta-feira (7), o filme é dirigido por Zach Cregger (Noites Brutais) e vem com a proposta de homenagear Stephen King, o ícone do terror norte-americano. Porém, a homenagem é tão intrínseca à trama que, em muitos momentos, mais parece um copia e cola de projetos anteriores do autor sendo condensados em um filme só, o que pode agradar bastante ou causar uma má impressão no público. Até o momento, parece estar agradando.

A trama é bem interessante. Em uma cidadezinha nos EUA, 17 crianças desaparecem misteriosamente às 21h17.

O mais assustador é que toda essa molecada frequentava a mesma turma na escola. Na sala, no dia após o evento, só aparecem um menino e a professora. Ou seja, os pais das vítimas começam a acreditar que o desaparecimento seja culpa da professora.

O longa é conduzido de forma não linear, acompanhando o mesmo dia, mas pela ótica de diferentes personagens, como a professora, um policial, o pai de uma criança desaparecida e do menino que não sumiu. O que também é muito interessante, porque vai montando esse “quebra-cabeças” junto ao público.

O problema mesmo são os elementos incomodamente puxados das obras de Stephen King. É possível ver situações de obras como “It”, “Conta Comigo”, “O Iluminado” e afins. Em dados momentos, chega a parecer uma paródia desses projetos.

Opinião do leitor

Papagaiada

Deploráveis cenas de patetice e idiotice, mostrando senadores e deputados com esparadrapo na boca, ocupando as Mesas do Senado e da Câmara. É a decadência completa do bom senso. É a atividade política entrando no terreno da galhofa e da ordinárice. Existem formas mais inteligentes e democráticas de protestar.

*Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ENTERRO DE JOÃO PESSOA SERÁ NA CAPITAL

As principais notícias do Correio da Manhã de 6 de agosto de 1930 foram: Governo nacionalista chinês não se responsabilizará com os acontecimentos aos estrangeiros que permanecerem em Hankow. Corpo de João Pessoa chegará em breve à capital e família dispensou as honrarias militares no enterro, as quais tinha direito. Temporal na costa da Dinamarca provoca colisão de navios dos EUA e da Alemanha

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES FAZ TOUR PELO PAÍS

As principais notícias do Correio da Manhã de 6 de agosto de 1950 foram: Eduardo Gomes faz tour pelo país, com ida a Goiás, Santa Catarina e interior de São Paulo. Encerrou-se o alistamento eleitoral da UDN. TSE examinará candidatura de Vargas. Conselho de Segu-

rança da ONU rejeita proposta de Malik para expulsar a China Nacionalista do órgão. Fuzileiros ingleses desembarcam na Coreia.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.